

MAX WEBER E A ANÁLISE DO PROCESSO DE SECULARIZAÇÃO DA ÉTICA PROTESTANTE

MAX WEBER AND THE ANALYSIS OF THE PROCESS OF THE PROTESTANT ETHIC'S SECULARIZATION

Josué Cândido da Silva¹

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

<https://orcid.org/0000-0003-0915-6522>

Vitor Gustavo Ribeiro de Matos²

Universidade Estadual de Santa Cruz (Campus Bahia)

<https://orcid.org/0000-0003-4336-7016>

RESUMO

A peculiar racionalidade presente na sociedade ocidental foi objeto de investigação de muitos estudiosos. Max Weber, em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (2004), defende que elementos da esfera religiosa teriam exercido influência em um processo de racionalização da conduta individual. Ao analisar diversos aspectos das variantes surgidas a partir da Reforma Protestante, Weber observa uma tendência entre os puritanos a reformular seu modo de viver, focando-se no trabalho profissional e na acumulação de riqueza. Embora as raízes de tal forma de agir sejam de cunho religioso, aos poucos o fundamento dogmático se esvai, dando lugar a uma ética secular e independente, que resulta de diversos fatores

históricos e fenômenos de ordem religiosa, como o desencantamento do mundo, ou então de ordem sociológica e filosófica, como o fenômeno da racionalização e a *iron cage*. Explorar a relação entre os elementos citados e a mudança de caráter da ação racional posta em questão é o objetivo principal do trabalho. Por fim, busca-se apresentar a tese de Weber, na qual essa lógica orientada à acumulação de riqueza por si é o comportamento ideal para o florescimento do capitalismo, tornando-se possível, dessa forma, com base na obra de Weber, evidenciar a relação entre o produto ético da Reforma e o desenvolvimento do modo de produção capitalista.

Palavras-chave: Ética Protestante. Secularização. Racionalização. Weber.

¹ Josué Cândido da Silva é Professor Titular do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz e Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

² Vitor Gustavo Ribeiro de Matos, graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus/Bahia), foi bolsista de Iniciação Científica 2018/2019, tendo a FAPESB como fomentadora.

ABSTRACT

Many scholars have put effort on researching and understanding the specific Rationality found in the Western civilization. Max Weber writes in his most famous work, *The Protestant Ethic and The Spirit of Capitalism*, suggesting that aspects of a religious matter could have tended a rationalization process on the individual action. In order to sustain his claims, Weber studies the variants sects and religious groups emerged from the Protestant Reform and finds out that the Puritans may submit their lives to an intense transformation, focusing in the professional labor and wealth acquisition. Although this process has first found itself over religious grounds, this underlying content vanishes and it is replaced by a secular and religious independent ethic. We aim to present the details of how the mentioned elements are related and to expose Weber's thesis on *The Protestant Ethic* of how secular way of life conducting may have influenced the development of Capitalism.

Keywords: Protestant Ethic. Secularization. Rationalization. Weber.

INTRODUÇÃO

As discussões a respeito do tema da secularização ocupam lugar central entre os tópicos tratados pela Sociologia da Religião e interessam, em grande medida, à Filosofia. De acordo com Pierucci (1998), é graças a novos métodos de pesquisa empregados a partir do século XX que a maneira de se tratar o tópico da secularização ganha uma nova roupagem:

tal fenômeno não é mais uma mera concepção abstrata e pressuposta, mas passa a ser tratado como um fato observável e estudado a partir de bases empíricas. É nesse contexto que se encontra o cerne das reflexões a respeito do processo de secularização da ética protestante.

Max Weber é tido em grande estima quando se fala em secularização e, embora não tenha sido o único a tratar do tema, sua análise cuidadosa do caráter secular que a ética protestante toma em seu curso histórico acaba por torná-lo uma referência ainda nos dias de hoje. Com base nisso, Weber é tomado aqui como autor central, fazendo-se uso, evidentemente, de outros estudiosos e comentaristas para possibilitar uma exposição mais elucidativa. Em primeiro momento, faremos aqui uma breve explicação do conceito weberiano de secularização, em seguida, far-se-á uma incursão pela análise que relaciona o processo de secularização da ética profissional característica do puritanismo ascético, com ênfase na esfera econômica, e a disposição aquisitiva do chamado espírito capitalista, tendo em vista que *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, provavelmente o texto mais famoso de Max Weber, é a obra em foco no presente estudo.

Assumindo o exposto por Hughey (1979), é vital entender, primeiramente, que o processo de secularização surge a partir de uma tensão inicial. Em organizações sociais primitivas, a visão de mundo era unificada e imersa em uma magia concreta. É com a separação entre a dimensão religiosa e a dimensão mundana que se abre espaço para um conflito entre irracional e racional. Tal separação aparece como efeito de um processo maior que envolve mais âmbitos da vida social e que é amplamente investigado por Weber: a

racionalização. No entendimento de Weber (2015), intensifica-se o fenômeno da racionalização, nesse contexto, com a transposição da religiosidade coletiva e mágica para uma ética religiosa, na qual a figura do virtuoso como capaz de salvar-se acentua o aspecto prático e individual. Essa tensão entre sagrado e profano, religioso e mundano, permeia o processo de secularização.

A partir do que foi exposto nas primeiras linhas deste texto, o trabalho de se investigar o conceito de secularização é de ordem empírica, isso se dá pois cada caso precisa ser investigado em seu contexto histórico-social, ou seja, estudos de bases puramente abstratas não dão conta dos aspectos contingentes e não teleológicos do curso histórico desse fenômeno em uma dada sociedade. Diante disso, Hughey (1979) tenta, a partir dos estudos feitos por Weber, esboçar uma possível estrutura teórica do conceito, e assim aponta que o sociólogo dos tipos ideais entende o processo de secularização em dois níveis. No nível teórico, esse processo é marcado por quão ajustadas estão as orientações religiosas aos valores mundanos, ou então por quão influenciadas por tais valores são essas orientações religiosas. No nível prático, Weber entende o processo de secularização como uma “sobrevivência” de organizações religiosas e padrões de comportamento fundados em preceitos religiosos que conseguem perdurar inseridos em estruturas institucionais seculares, ainda que esvaziados de seu conteúdo original. O recorte do conceito que mais nos interessa é aquele que aponta como um comportamento orientado por valores religiosos é atrelado e submetido a valores de ordem puramente mundana, ou seja, secularização no nível prático.

O último ponto que julgamos necessário esclarecer com propósitos de introdução é o

fenômeno de desencantamento do mundo. O conceito, que é central nos estudos weberianos de Sociologia da Religião, não pode ser confundido com o fenômeno da secularização. Nas palavras de Antônio Pierucci,

Ambos os nomes não dizem a mesma coisa, não recobrem a mesma coisa, não tratam da mesma coisa. Para Weber, o desencantamento do mundo ocorre justamente em sociedades profundamente religiosas, é *um processo essencialmente religioso*, porquanto são as religiões éticas que operam a eliminação da magia como meio de salvação [...] (PIERUCCI, 1998, p. 50, grifo do autor).

A partir do que foi descrito acima, secularização tem a ver com desvincular-se do conteúdo religioso, no seio do qual o desencantamento do mundo acontece, é um fenômeno que está em uma esfera mais abrangente. Secularização “implica abandono, redução, subtração do status religioso; [...] é defecção, uma perda para a religião e emancipação em relação a ela” (PIERUCCI, 1998, p. 51, grifo do autor).

Dessa forma, exporemos adiante pontos centrais da tese que Weber defende em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (2004), lançando mão de outros textos do autor conforme convier no decorrer do texto. Primeiramente, falaremos do conceito de vocação que joga um papel central no cerne da religiosidade puritana. Em seguida, discorreremos a respeito do ascetismo puritano e suas implicações no âmbito do ethos econômico burguês. Por fim, discutiremos brevemente sobre o encerramento da obra e justamente o encadeamento final do processo de secularização desse produto ético da Reforma e seu papel para o desenvolvimento do capitalismo.

O CONCEITO DE VOCAÇÃO

O ponto de partida desta análise é o que Weber apresenta no primeiro capítulo da segunda parte de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (2004). Ao examinar os chamados fundamentos dogmáticos do protestantismo ascético, o sociólogo alemão aponta o caráter central da doutrina da predestinação. Essa doutrina é anterior a Calvino, mas foi ele quem a inseriu no seio da igreja reformada. Nessa formulação, parte-se da tese de que a graça — garantia da bem-aventurança eterna — é um desígnio inalterável e imperscrutável de Deus. Primeiramente, a concessão da graça não possui um caráter de universalidade, apenas alguns são escolhidos. Conforme mostra Weber (2015), as religiões que, em seu desenvolvimento histórico, transformaram-se em uma ética dos virtuosos, tendem a abolir o caráter coletivo e fraternal, particularizando a graça, o que concede um *status* superior aos que são eleitos, formando, desse modo, uma espécie de aristocracia dos salvos. Sendo assim, “[...] estabelecido que seus decretos são irredutíveis, a graça de Deus é tão imperdível por aqueles a quem foi concedida como inacessível àqueles a quem foi recusada” (WEBER, 2004, p. 95). A segunda característica mencionada revela que conhecer diretamente o decreto divino se faz impossível. A condição de ignorância e impotência do fiel diante da dúvida acerca de seu próprio estado de graça o leva a um estado de angústia (PISSARDO, 2017; WEBER, 2004). A tensão é acentuada ainda pelo fato de que, de acordo com Weber (2004), o tema da salvação era centro das discussões nos tempos da Reforma.

Entre as vertentes ascéticas do protestantismo, a perda do caráter mágico dos meios de salvação — o desencantamento do mundo

— contribuiu para uma condição de ausência de mecanismos que fossem capazes de diminuir as tensões ocasionadas pelo impacto da doutrina da predestinação, principalmente entre os calvinistas. Essa falta de elementos que possibilitem uma ab-reação, uma descarga das tensões conflitantes como se pode encontrar no catolicismo, acentua ainda mais a condição de angústia em que o puritano se encontra. Weber afirma, “se bem que a pertença à verdadeira igreja fosse condição necessária para a salvação, a relação do calvinista com seu Deus se dava em profundo isolamento interior” (WEBER, 2004, p. 97).

Neste cenário, insere-se o conceito de vocação como peça-chave na lida com a condição psicológica do calvinista ante a doutrina da predestinação. O conceito de vocação é inaugurado pelo precursor da Reforma Protestante, Martinho Lutero. Em suas leituras e trabalho de tradução da Bíblia, Lutero utiliza o termo alemão *Beruf*, para designar o trabalho e, segundo Weber (2004), é possível notar o sentido religioso no interior desse termo³ também em *calling* do inglês. A grande contribuição de Lutero foi conceber o trabalho dentro de uma profissão como uma missão divina a ser cumprida pelo homem na Terra. A ideia de possuir um lugar e um dever moral durante a passagem pelo mundo tendeu a ocasionar uma redução na indiferença que se tinha no esforçar-se em uma profissão. Embora Weber afirme que não era da intenção de nenhum dos reformadores obter resultados de caráter ético, a principal consequência causada pelo conceito de vocação neste campo foi “[...] a valorização do cumprimento do dever no seio das profissões mundanas como o mais excelso conteúdo que

³ Acrescentando-se aqui a origem latina de vocação em português (BASSO, 2006).

a autorrealização moral é capaz de assumir” (WEBER, 2004, p. 72).

Calvino incorpora o conceito de vocação e este aparece como capaz de descarregar as tensões geradas pela doutrina da predestinação, uma vez que é a única ação capaz de aumentar a glória de Deus no mundo. De acordo com Weber, o ascetismo intramundano dos puritanos foi um dos dois caminhos religiosos, junto de uma forma particular de misticismo, que conseguiu se estabelecer entre a tensão causada pelo atrito de uma economia racionalizada e uma religião da salvação. O trabalho vocacional então se torna o foco das atenções do fiel, porque este, tendo em vista que não pode conhecer acerca de seu estado de graça, deve alimentar uma autoconfiança na própria salvação, afastando qualquer dúvida a esse respeito, considerando-se um eleito e um instrumento através do qual Deus opera para aumentar sua glória. Com isso, o processo de *ascese* torna-se consequência da estrutura marcada pela relação entre o estado de angústia causado pela doutrina da predestinação e o conceito de vocação como tentativa de instaurar um dever moral do fiel em relação ao mundo e como único meio de promover uma ab-reação da qual os calvinistas estavam carentes.

ASCESE E AÇÃO RACIONAL

O processo de *ascese*, característico das formas de protestantismo analisados por Weber, aparece como uma decorrência plausível dos fatores anteriormente mencionados. Sendo o trabalho em uma profissão a única maneira de aumentar a glória de Deus e, para o puritano, o único meio de certificar-se de

seu estado de graça, o ascetismo dos protestantes exerce uma transformação sistemática e contínua em diversos âmbitos da vida com vistas a cumprir essa missão religiosa. Com essa canalização de esforços, entregando-se a uma vocação, o puritano consegue afastar-se do mundano, suplantando a moral terrena, contudo, é uma fuga do mundo no mundo. Desse modo, essa transformação que modifica a conduta cotidiana do asceta atribui um aspecto bastante racional a essa forma de agir, haja vista sua relação de instrumentalidade com o próprio mundo. Entretanto, cabe ressaltar que, neste momento, todo esse processo acontece ainda na esfera religiosa, tendo em mira os próprios valores religiosos. Como observa Weber, “abstratamente enunciado, o objetivo racional da religião de salvação consiste em assegurar um estado sagrado para os salvos e, com isso, um hábito que assegure a salvação” (WEBER, 2015, p. 54). O hábito evoca um caráter metódico da conduta que, por sua vez, remete novamente a uma tendência de racionalização. Assim a ideia de vocação e a necessidade de acreditar no próprio estado de graça converge na forma de “[...] trabalho profissional sem descanso como o meio mais saliente de conseguir essa autoconfiança” (WEBER, 2004, p.102, grifo do autor).

Partindo de uma crítica à união mística, na qual os Luteranos são capazes de sentir a presença de Deus e seu próprio estado de graça, os calvinistas defendem uma espécie de sinal objetivo de sua salvação e que acaba servindo como um medidor para avaliar o sucesso do processo de *ascese*. Essa crítica é fundada sobre dois pontos principais. O primeiro é que, em decorrência do abismo ontológico existente entre Criador e criatura, não é possível que o primeiro esteja contido inteiramente no segundo. O

segundo ponto deve-se à desconfiança que se encontra presente entre esses religiosos em relação ao que é subjetivo, muito em conta da possibilidade de erro advinda dos sentidos. Corroborando o que foi dito, Weber escreve, em outro momento do texto, porém cabível aqui, que essa segunda crítica se deve a uma “postura absolutamente negativa do puritanismo perante todos os elementos de ordem sensorial e sentimental na cultura e religiosidade subjetiva [...]” (WEBER, 2004, p. 96, grifo do autor). Dessa maneira, o puritano esperava um sinal objetivo de sua eleição e, como a consequência mundana de sucesso no trabalho é a riqueza, esta passa a ser o sinal objetivo que mede o estado de graça calvinista nesse momento. Todo o processo de *ascese*, ou seja, de racionalização da conduta de vida, é guiado por esse efeito objetivo.

Diante disso, o comportamento metódico da ética puritana atinge as mais variadas esferas da vida, ao ponto de o asceta administrar sua vida de forma tão racional como é a administração de uma empresa (WEBER, 2004). As práticas que fossem na direção contrária do trabalho profissional sem descanso eram vistas como um desviar-se do cumprimento da vontade Deus. Consequentemente, o puritano racionaliza, por exemplo, o esporte, que é desejado enquanto assegura a saúde do corpo; o sono, enquanto restaura as energias; jamais podendo exceder o caráter utilitário e converter-se em lazer ou preguiça, pois isso representaria colocar a criatura a frente do Criador. Seguindo essa perspectiva, o asceta condenava os produtos da esfera cultural como um culto à criatura, portanto, ao mundano.

Nesse cenário, o acúmulo de riqueza não possuía um fim de ordem mundana, não era permitido usufruir da riqueza ostentando luxos terrenos. No entanto, quando o

investimento de dinheiro na forma de capital que se reproduz aparece como um uso útil e mais agradável a Deus, poupar esse dinheiro passa a não representar um uso adequado daquilo que se dispõe para atender ao mandamento divino.

Ainda no âmbito dos fundamentos religiosos do ascetismo puritano, o estrito cumprimento do dever intramundano de vocação no seio de uma profissão era cobrado como forma de obediência e conformação à vontade de Deus. Isso já é sabido aqui, porém, conforme esse conceito é racionalizado, a ideia de mudar de profissão deixa de ser considerada uma afronta ao lugar que Deus designa a cada um, contanto que seja mais útil e mais benéfico ao bem comum, em outras palavras, de acordo com Weber, mais lucrativo. Assim sendo, flexibiliza-se a mobilidade social que, por sua vez, parece conformar-se a certas tensões de uma economia caracteristicamente racionalizada.

PROTESTANTISMO ASCÉTICO E CAPITALISMO

De acordo com Hughey (1979), as primeiras gerações de ascetas puritanos ainda estavam muito ligadas às origens dogmáticas que fundamentam seu modo de agir, porém, em decorrência do potencial altamente secularizante do acúmulo de riqueza, fenômeno já conhecido por Weber de seus estudos sobre o ascetismo monástico, as gerações seguintes já não se aproximavam tão firmemente desses postulados, o que acaba, por sua vez, implicando no esvaziamento teórico e axiológico daquela ética resultante da Reforma. Com efeito, a postura do protestantismo ascético

diante do mundo, seu compromisso com uma vocação e o ethos econômico específico mostram-se afins daquilo que Weber denomina “espírito” capitalista.

No capítulo II da primeira seção de *Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo* (2004), Weber descreve a postura aquisitiva do “espírito” capitalista. Para tanto, Weber reproduz as palavras de Benjamin Franklin como uma espécie de esboço a partir do qual somos capazes de absorver essa ideia que, neste momento da obra, aparece de forma inicial e provisório:

Lembra-te que *tempo é dinheiro*; aquele que com seu trabalho pode ganhar dez xelins ao dia e vagabundeia metade do dia, ou fica deitado em seu quarto, não deve, mesmo que gaste apenas seis pence para se divertir, contabilizar só essa despesa; na verdade gastou, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais.

Lembra-te que *crédito é dinheiro*. Se alguém ficar com seu dinheiro depois da data de vencimento, está me entregando os juros ou tudo mais quanto nesse intervalo de tempo ele tiver rendido para mim. Isso atinge uma soma considerável se a pessoa tem bom crédito e dele faz bom uso.

Lembra-te que o dinheiro é *procriador por natureza e fértil*. O dinheiro pode gerar dinheiro, e seus rebentos ainda mais, e assim por diante. [...] (WEBER, 2004, p. 42-43, grifo do autor).

Esse trecho ajuda a elucidar a direção em que caminha o discurso. Evoca-se uma espécie de dever do indivíduo em estar sempre em busca de obter e gerar mais riqueza, nas palavras de Weber, “[...] salta à vista como traço próprio dessa ‘filosofia da avareza’ [...] a ideia do dever que tem o indivíduo de se interessar pelo aumento de suas posses como um fim

em si mesmo” (WEBER, 2004, p. 45). Acima de tudo, o que interessa para nós é o caráter moral dessa forma de conduta, exigida como um dever a ser cumprido.

Outro ponto que mostra alguma afinidade com a ética protestante é o fato de que, nesse “espírito” capitalista, as virtudes morais que seriam a sustentação para o cumprimento do dever, são vistas como meros instrumentos, bastando o estatuto da aparência para produzir o mesmo efeito. Weber confirma, “[...] só são virtudes para Franklin na medida em que forem, inconcreto, úteis ao indivíduo, e basta o expediente da simples aparência, desde que preste o mesmo serviço [...]” (WEBER, 2004, p. 46, grifo do autor).

Por fim, da exposição do que Weber chama de “espírito” capitalista, delinea-se uma postura de busca de aquisição de dinheiro como um fim em si mesmo, o qual deve ser buscado como um dever primordial.

Nesse contexto, esse modo de conduzir a vida dos puritanos já não possui mais um conteúdo religioso como forma de valor que oriente uma ação, ou seja, tornou-se uma lógica autônoma e independente de sua origem religiosa. De certa forma, essa transformação no campo da ética que possibilita um modo de agir que mostre afinidade com o impulso de busca do dinheiro como um fim em si mesmo, típico do dito “espírito” capitalista. Nas palavras de Weber, “no puritanismo, esse comportamento constitui determinada maneira de vida metódica, racional, a qual, em condições específicas, preparou o terreno para o ‘espírito’ capitalista moderno” (WEBER, 2015, p.111).

Em sua tipologia da ação social, Weber elenca quatro espécies em que as ações humanas podem ser classificadas. As duas primeiras formas de ação são caracteristicamente

irracionais: a ação tradicional e a ação afetiva. Na primeira forma, o indivíduo age movido por um hábito mantido por muito tempo; na ação afetiva, o indivíduo age movido por uma emoção muito forte, sendo, em ambos os casos, ação nas quais os sujeitos não estão conscientes de seus atos e nem deliberam a respeito de seu agir (BRUBAKER, 1984). As outras duas formas de agir, ação racional orientada por valores (*wertrational*) e ação racional orientada a fins (*zweckrational*), são ações racionais e o foco do problema da secularização da ética protestante neste trabalho. Ao distinguir as duas formas de ação racional, Brubaker escreve que a ação racional orientada por valores é determinada

[...] pela crença consciente no valor intrínseco ao agir de uma certa maneira, independentemente das consequências de agir de tal maneira; e a ação orientada a fins, [é determinada] pela tentativa calculada e consciente de alcançar fins desejados com meios apropriados (BRUBAKER, 1984, p. 50, tradução nossa).⁴

Diante da teoria weberiana da ação social ante o processo de secularização da ética protestante, observa-se a mudança de orientação da ação racional que em um primeiro momento, em seu contexto religioso, estava vinculada a valores salvíficos e que perde esse significado original, tornando-se uma lógica autônoma, desvinculada de um sentido religioso que aprisiona o agente nessa gaiola de ferro (*iron cage*). Nessa mesma direção, Brubaker especifica

⁴ No original: [...] by the conscious belief in the intrinsic value of acting in a certain way, regardless of the consequences of so acting; and *zweckrational* action, by a consciously calculating attempt to achieve desired ends with appropriate means.

O ascetismo intramundano dos puritanos não era idêntico ao espírito do capitalismo epitomizado nos escritos de Ben Franklin [...]. Mas a pressão psicológica sobre o puritano para confirmar seu estado de graça e a interpretação do sucesso econômico como o mais importante sinal da graça significou que o ascetismo intramundano e o espírito do capitalismo canalizados conduzem para a mesma direção. Ademais, à medida que sua preocupação primária com a salvação retraiu, um ascetismo intramundano se tornou indistinguível do espírito do capitalismo (BRUBAKER, 1984, p. 26, tradução nossa).⁵

Assim sendo, o esvaziamento de conteúdo de valor religioso do ascetismo puritano revela a mudança de orientação da ação *wertraional* para uma ação *zweckrational*, à qual se identificava com o ethos econômico burguês em desenvolvimento no contexto histórico de então. Em tal conjuntura, o problema colocado por Weber no começo de *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo* (2004) encontra uma tese que a responde, a saber, que a profunda transformação na dimensão ética, cujo produto é uma forma muito peculiar de conduta cotidiana individual explicaria o fenômeno observado em países de capitalismo industrial avançado na Europa, em que o capital se concentrava entre grupos de maioria protestante. Isso se deve, pois, há essa tendência de racionalização do

⁵ No original: The worldly asceticism of the Puritans was not identical with the spirit of capitalism epitomized in the writings of Ben Franklin [...]. But the psychological pressure on the Puritan to confirm his state of grace and the interpretation of economic success as the most important sign of grace meant that worldly asceticism and the spirit of capitalism channeled conduct in the same direction. Moreover, as its primary concern with salvation ebbed, a secularized worldly asceticism became indistinguishable from the spirit of capitalism.

comportamento do puritano, o que, em seu formato já secularizado, mostra afinidade com o *ethos* capitalista e, justamente nesses ambientes propícios, o modo de produção capitalista se desenvolve também sobre alicerces de uma cultura religiosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao cabo do que foi exposto, buscamos evidenciar, por meio da análise do estudo realizado por Max Weber, a mudança na orientação da ação racional que foi proposta pelo protestantismo ascético, de uma busca por confirmação do estado de graça para um agir instrumental visando à riqueza como fim em si mesma. Subsidiariamente, acompanhamos uma parte da trajetória em que Weber desenvolve sua tese em *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo* (2004), que nos lança em meio a uma discussão bem maior feita pela Sociologia sobre o tema da racionalização, mas que, primariamente, busca mostrar que, embora não seja fator exclusivo, elementos religiosos possuem, de fato, influência em condicionar a ética econômica.

A título de conclusão, faz-se mister ressaltar que o fenômeno religioso do protestantismo ascético enquanto fonte de uma transformação ética foi o que permitiu o desenvolvimento do *ethos* capitalista, não porque fosse o fim específico da Reforma ou do próprio processo de *ascese*, mas porque a ética protestante e o espírito do capitalismo mostram-se afins, de tal modo que a profunda transformação na conduta individual preparou terreno para constituir uma forma de agir que, ao findar o processo de secularização, tornar-se-ia uma conduta universalizada e desvinculada do cenário religioso.

REFERÊNCIAS

- BASSO, S. E. de O. O conceito de vocação em Max Weber. **Akrópolis**, v. 14, n. 1, p. 25-30, jan./mar. 2006.
- BRUBAKER, R. **The limits of rationality: an essay on social and moral thought of Max Weber**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1984.
- CARDOSO, M. R. O desencantamento do mundo segundo Max Weber. **Revista EDUC**, v. 1, n. 2, jul./dez. 2014.
- DRESCH, G. A. Os conceitos sociológicos fundamentais de Max Weber em A ética protestante e o espírito do capitalismo. **Sociologias Plurais**, v. 1, n. 1, fev. 2013.
- GOLDSTEIN, W. The dialectics of religion rationalization and secularization: Max Weber and Ernst Bloch. **Critical Sociology**, v. 31, n. 1-2, p. 116-151, jan. 2005.
- GOLDSTEIN, W. Patterns of secularization and religious rationalization in Emile Durkheim and Max Weber. **Implicit Religion**, v. 12, n. 2, p. 135-163, out. 2009.
- GOMES, A. M. de A. **O pensamento de João Calvino e a ética protestante de Max Weber: aproximações e contrastes**, 2002. Disponível em: http://www.miniweb.com.br/historia/artigos/i_moderna/pdf/maspoli.pdf. Acesso em: 14 mar. 2019.
- HABERMAS, J. A teoria da racionalização em Max Weber. *In*: HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo**. Tradução de Paulo Astor Soethe. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- HUGHEY, M. The idea of secularization in the works of Max Weber: a theoretical outline. **Qualitative Sociology**, v. 2, n. 85, p. 85-111, maio 1979.
- NOBRE, R. F. O desencantamento do mundo: todos os passos de um conceito. **Revista Brasileira Ciências Sociais**, v. 19, n. 54, p. 161-164, fev. 2004.

PIERUCCI, A. F. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 37, p. 43-73, jun. 1998.

PIERUCCI, A. F. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2003.

PISSARDO, C. H. O conceito de angústia entre Max Weber e Peter L. Berger. **Civitas**, v. 17, n. 3, p. 467-485, set./dez. 2017.

SELL, C. E. Racionalidade e racionalização em Max Weber. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 79, jun. 2012.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, M. **Sociologia das religiões**. Tradução de Cláudio J. A. Rodrigues. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2015.